

SÉTIMO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



História da Educação Matemática nos caminhos do
mundo digital e da democratização do conhecimento

Crianças e infância em Educação Matemática: uma história da atualidade

Children and childhood in Mathematics Education: a history of the present

Giovani Cammarota¹

Letícia Pereira Silva²

Lorena Maria Ferreira de Matos³

Resumo

O trabalho discute a produção de uma cartografia de trabalhos publicados em periódicos e anais de eventos de relevo no campo da Educação Matemática com vistas a responder como a pesquisa com crianças vem se configurando nesse campo. Revisamos trabalhos publicados de 2012 a 2022 em quatro periódicos e em anais de dois dos eventos mais importantes da área no Brasil. Uma história da atualidade dá visibilidade a quatro características: ao fazer pesquisa com crianças, a Educação Matemática não vem problematizando explicitamente concepções de infância e criança que guiam suas reflexões; os trabalhos operam com uma equivalência entre as noções de criança e aluno; o cognitivismo de inspiração piagetiana é a o regime hegemônico de leitura da atividade matemática das crianças; as pesquisas vêm promovendo uma antecipação do uso de ferramentas didático-metodológicas da Educação Matemática para crianças cada vez menores, com destaque para trabalhos que utilizam a Educação Estatística e a Modelagem Matemática na Educação Infantil.

Palavras-chave: cartografia; pesquisa em Educação Matemática; Educação Matemática na Infância.

Para começar: pesquisa, crianças e infância

Este trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla *Crianças e matemáticas em produção na (pré)escola: cartografias de uma infância da (educação) matemática*, cuja questão central diz respeito ao modo como crianças se produzem ao produzirem

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua no Travessia Grupo de Pesquisa. E-mail: giovani.cammarota@ufjf.br

² Licencianda em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua no Travessia Grupo de Pesquisa. E-mail: leticia pereira.silva@estudante.ufjf.br.

³ Licencianda em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua no Travessia Grupo de Pesquisa. E-mail: lorena.matos@estudante.ufjf.br.

matemática. A pesquisa busca cartografar os processos de subjetivação e dessubjetivação das crianças à medida que se envolvem na produção de conhecimento matemático, de modo a compreender como as crianças produzem a si mesmas e a seu mundo conhecido por meio da matemática. Para isso, o projeto visa cartografar uma turma de crianças, seguindo sua trajetória escolar desde a Educação Infantil até o fim do assim chamado ciclo de alfabetização, no segundo ano do Ensino Fundamental. Em sua etapa inicial, a pesquisa vem se dedicando a produzir uma cartografia de trabalhos em Educação Matemática que tematizem a infância, seja pela discussão dessa noção, seja pela via da produção de pesquisas com crianças. Por isso, nossa questão mais ampla pode ser focalizada em responder como a Educação vem produzindo pesquisas com crianças e tematizando a infância. Desse modo, pode-se dizer que a questão que enfrentamos aqui diz respeito muito mais a uma cartografia que se caracteriza por esbarrar a todo o tempo com uma *história da atualidade*.

Seguimos aqui a pista indicada por Kastrup (2007): a autora discute a atualidade como o espaço-tempo a partir do qual seu campo de trabalho – a Psicologia Cognitiva – é problematizado. A autora destaca o trabalho de Foucault (2005) em que o filósofo analisa duas vertentes da modernidade que se abrem com o trabalho seminal de Kant: a analítica da verdade e a ontologia do presente. Enquanto a analítica da verdade centra esforços na problemática das representações e suas condições invariantes de existência no âmbito do sujeito, do método ou da linguagem, a ontologia do presente constitui uma problemática do tempo e dos universais pressupostos na ideia de funcionamento invariante.

[...] a ontologia do presente constitui-se como crítica de todas as categorias invariantes, tanto da metafísica tradicional quanto da teoria do conhecimento e da ciência, e aplica o tempo a tais categorias. Mais radicalmente, pode-se afirmar que esse efeito de problematização estende-se à maneira como a metafísica, o conhecimento e a ciência vão ser entendidos. O presente aparece como ponto privilegiado, pois é nele que o processo de transformação acontece. É a partir dele, do que ele apresenta de instabilidade em relação àquilo que, por encontrar-se estabelecido, sugere a ideia de invariância, que tais limites podem ser ultrapassados. (Kastrup, 2007, p. 40)

Nossa cartografia encontra ressonâncias com essa indicação: problematizar o campo de pesquisa em Educação Matemática para compreender como infância e criança se tornaram o que são hoje dentro da área, que grandes linhas de força são hegemônicas nessa construção a ponto de reforçarem estratos históricos bem definidos ou estarem em vias de se constituírem como estratos históricos, bem como dar conta daquilo que na área constitui aquilo que Deleuze e Guattari (2011) chamariam de linhas de fuga, linhas intensivas que constituem pontos de saída dos grandes extratos, pontos de engendramento vivo de novos problemas com as crianças e com a infância.

Este trabalho lida com a primeira dessas indicações. Por isso, o que apresentamos aqui é o resultado de uma cartografia de trabalhos produzidos ao longo de dez anos em periódicos da área e em anais de dois dos mais importantes eventos da Educação Matemática. Discutiremos um recorte dessa cartografia destacando especialmente quatro grandes características dos trabalhos em Educação Matemática em nossa atualidade, quatro grandes extratos: a influência cognitivista, a indistinção entre as categorias de aluno e criança, a ausência de uma discussão mais amíuade acerca das concepções de infância e criança que norteiam as pesquisas em Educação Matemática e a utilização de recursos didático-metodológicos em trabalhos de pesquisa com crianças da Educação Infantil.

Alguns aspectos metodológicos

Embora a Educação Matemática configure um campo político-acadêmico amplo que cresceu e se institucionalizou desde a criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, em 1988, optamos por trabalhar com a revisão de artigos publicados nos periódicos: Bolema, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Rio Claro; Zetetiké, da Universidade Estadual de Campinas; Boletim GEPEM, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Essa escolha se deu em função do extenso histórico de destaque desses periódicos na Educação Matemática brasileira. Trabalhamos também com o periódico Perspectivas da Educação Matemática, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, cuja produção vem se destacando e

adensando na última década na área. A revisão de trabalhos também se deu em anais de dois grandes eventos da área e que são organizados pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM): o Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM) e o Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM).

Essa revisão constitui uma cartografia no sentido que ganha na filosofia de Deleuze e Guattari (2011). Kastrup e Barros (2009) dizem que a cartografia requer dispositivos para fazer funcionar a pesquisa. Foucault (2017) discute a noção de dispositivo como um conjunto de elementos heterogêneos, o dito e o não dito, cuja função é, dentre outras, a de uma certa manipulação das relações de forças. É nesse sentido que utilizamos como um dispositivo a revisão sistemática de literatura, conforme discutida em Galvão (2019). É por meio desse modo de proceder que poderemos desembaraçar linhas de visibilidade, enunciação, força, subjetivação e dessubjetivação que a pesquisa em Educação Matemática vem produzindo com crianças e infância.

Para a seleção dos artigos, buscamos todas as pesquisas publicadas entre 2012 e 2022 nos periódicos através dos critérios: primeiramente, para os periódicos considerou-se apenas artigos, excluindo de saída relatos de experiência e resenhas, enquanto para os eventos considerou-se todos os anais de antemão, realizando posteriormente um filtro que considerava apenas os artigos oriundos de pesquisa; após isso, fizemos a leitura dos títulos, seguida imediatamente da leitura dos resumos. Procuramos os artigos que possuíam em seus títulos palavras ou expressões que sinalizassem um estudo sobre educação matemática com crianças ou uma discussão acerca da infância na área. Para o primeiro recorte, consideramos pesquisas com crianças até o fim dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por fim, foi feita a leitura dos artigos remanescentes.

Foram excluídos os trabalhos que não apresentaram explicitamente a temática da Educação Matemática na infância no título ou no resumo, bem como trabalhos que abordavam a temática, porém com foco diferente da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir do *corpus* inicial de trabalho, 60 artigos foram selecionados, sendo 46 publicados em periódicos e 14 em anais de eventos.

Educação Matemática, crianças e infância: alguns extratos

Para produzir uma história do presente no presente, buscamos traçar como a pesquisa em Educação Matemática com crianças tomou sua forma atual, considerando o período entre 2012 e 2022 abordado nesta revisão. Nosso objetivo é analisar as práticas atreladas à infância, muitas vezes tomadas como certas, e desvelar as problemáticas por detrás. Não se trata de investigar a origem dessas práticas, mas sim de "[...] traçar o processo errático e descontínuo pelo qual o passado se tornou o presente: um trajeto descendente, amiúde aleatório, que sugere a contingência do presente e a abertura do futuro." (Garland, 2014, p. 84).

A partir da revisão de literatura realizada, percebe-se alguns pontos de convergência entre os artigos analisados. Desse modo, a partir do objetivo de compreender criticamente o presente, explicitaremos, a seguir, esses pontos conectando-os com os estudos nos quais se apresentam.

Uma das principais convergências observadas nos trabalhos é a forte influência de diferentes correntes cognitivistas. A mais influente delas sem dúvida é a Epistemologia Genética piagetiana e seus desdobramentos contemporâneos, como a Teoria dos Campos Conceituais de Vergnaud. O trabalho de Piaget e outros cognitivistas partem de uma caracterização da cognição como um conjunto de invariantes ordenados hierarquicamente. Essa caracterização já está presente nos conhecidos estágios de desenvolvimento piagetianos, mas também se revela na forte presença de trabalhos que produzem tabelas de descrição de níveis de aprendizagem ou desenvolvimento de conceitos matemáticos. A partir disso, é possível prever qual caminho a criança vai seguir para aprender conteúdos matemáticos, assim como é possível dizer para qual conceito um certo invariante aponta.

Nesse sentido, produz-se uma Educação Matemática que não se ocupa com o que a criança produz de novo, mas sim com procurar em que nível ou conjunto de invariantes a produção matemática das crianças está situada. Trata-se, portanto, de uma Educação Matemática que antecipa tudo o que acontece no encontro da criança com a matemática. Dessa forma, relega-se qualquer problema que a criança inaugure e que venha a ser uma máquina produtiva de desejo (Deleuze, 2011; Cammarota,

2021) a uma falta de representações corretas, mais formais ou mais perfeitas.

Por exemplo, Mandarinino et al. (2022), fundamentaram-se em referenciais teóricos inspirados nas ideias de Piaget, que destacam as ações mentais essenciais para a formação do conceito de número racional. Ao analisar as atividades realizadas pelas crianças, o estudo concentrou-se em identificar ações que contribuíram para a introdução do processo de construção do conceito de número racional. Nesse contexto, foram exploradas cinco das sete condições descritas por Piaget como fundamentais e necessárias para a compreensão do conceito de fração:

(A) a existência de uma totalidade divisível – “o inteiro”; (B) existência de um número determinado de partes – total do número de partes em que o inteiro está dividido; (C) esgotamento do todo – não é possível haver resto; (D) igualização das partes – a divisão fracionária implica na obtenção de partes iguais, sejam elas discretas ou contínuas; (E) atendimento ao princípio da invariância: a soma das frações constituídas é igual ao todo inicial – ao considerarmos todas as partes em que o inteiro foi dividido, voltaremos a obter esse inteiro. (Mandarinino et al., 2022, p. 5-6).

Dessa forma, para a realização deste artigo foram desenvolvidas algumas atividades referentes à introdução aos números racionais que posteriormente foram aplicadas com crianças de 5, 7 e 8 anos. Assim, o estudo concentrou-se em analisar as respostas das crianças às atividades e procurar quais condições especificadas por Piaget estariam presente nestas respostas, assim como especificar quais condições estariam ausentes, reforçando a falta de determinado princípio em relação à próxima fase: “Considerando os princípios definidos por Piaget, essa ação da Cr⁴ aponta a prevalência de (A) e (C) e a ausência de (D)” (Mandarinino et al., 2022, p. 6).

Além disso, Castro e Curi (2021) também adotam uma abordagem teórica subjacente baseada na perspectiva construtivista. Este estudo teve por objetivo analisar como os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada em São Paulo abordam e resolvem problemas, utilizando a Teoria dos Campos Conceituais de Vergnaud, focando especialmente nos problemas que envolvem o conceito de Isomorfismo de Medidas. Foram analisadas a resolução das crianças de diversos problemas e criou-se categorias baseadas nos diferentes métodos utilizados, como a

⁴ Neste trabalho, Mandarinino et al. (2022) refere-se à palavra criança quando utiliza Cr.

aplicação de operações de adição ou multiplicação, o uso de representações visuais, cálculos mentais ou algoritmos. Além disso, foram indicados a quantidade de acertos e quantas crianças utilizaram cada um dos métodos citados. Destaca-se também a ideia dos estágios e categorias presentes neste texto.

No entanto, a análise da tabela 1 [tabela referente à análise do primeiro problema proposto envolvendo proporcionalidade simples], mostra que nenhuma delas [as crianças] usou procedimentos multiplicativos. Como o problema relaciona uma quantidade a muitas, facilita a contagem por unidade. Essa ação segundo Treffers [...], não pode ser considerada como uma ação da multiplicação, mas trata-se de uma estratégia ou “esquematização progressiva”, que permeia por diversos estágios do desenvolvimento da multiplicação para a aplicação da mesma. (Castro; Curi, 2021, p. 172).

Outra convergência encontrada nos estudos analisados é a captura da categoria de aluno sobre as crianças, ou seja, a concepção de aluno da instituição escola se sobrepõe à ideia de criança e de infância. É a institucionalidade que faz a criança: não existe criança fora da instituição, ela já é imediatamente institucionalizada. A categoria de aluno é historicamente constituída com os objetivos de aprendizagens e disciplinas específicas e aquisição de valores e saberes comuns. Na instituição escolar, a criança se torna aprendiz, cujas ações e comportamentos são prescritos e avaliados de acordo com os padrões adultos.

Nesse contexto, a fim de exemplificar essa captura da categoria de aluno sobre as crianças, podemos, dentre os artigos analisados, citar alguns exemplos emblemáticos: Conceição (2019), Tortola e Almeida (2018), Oliveira e Paulo (2016) e Silva et al. (2020). Vale salientar que, ademais, esses estudos também não apresentam uma definição explícita do que compreendem por criança e infância.

Conceição (2019) trata das estratégias de estruturação espacial utilizadas por crianças do 1.º ano na construção e reprodução de figuras bidimensionais, porém, a palavra *criança* é usada apenas uma vez em uma citação indireta, enquanto no restante do texto o termo adotado é *alunos*. Tortola e Almeida (2018) abordam a formação matemática de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental por meio de atividades de modelagem matemática. A palavra aluno(s) aparece 101 vezes para se referir às crianças, enquanto a palavra criança(s) aparece apenas 6 vezes. Já Oliveira e Paulo (2016), ao discutirem o cálculo mental nos anos iniciais do Ensino

Fundamental, utilizam a palavra aluno(s) 92 vezes ao tratar de criança(s), enquanto a palavra criança(s) aparece 11 vezes e, majoritariamente, em citações de outros autores.

Silva et al. (2020), ao apresentar reflexões sobre o tema modelagem matemática na Educação Infantil, utiliza a palavra aluno(s) 104 vezes ao tratar de criança(s), enquanto a palavra criança(s) aparece 16 vezes e, em aproximadamente 81% dos casos, em citações, descrições de outras pesquisas e em falas de participantes do estudo. Este aspecto é evidente neste trecho que descreve as condições de realização da pesquisa: “Além disso, foi realizado um encontro na instituição de ensino ao qual a Prof atua como regente da turma de EI5 (alunos com 4 a 5 anos de idade). Os encontros foram organizados em três etapas – planejamento, implementação e reflexão” (Silva; Pires; Sander, 2020, p. 6).

Observa-se regularmente nos textos lidos que a Educação Matemática vem apostando cada vez mais na antecipação do uso de ferramentas didático-metodológicas com crianças cada vez mais novas, em prol de um discurso de que elas aprenderiam melhor matemática no futuro. Essa antecipação é verificada especialmente em relação à educação estatística e modelagem matemática. Esta aposta revela algumas preocupações, já que aponta para uma tendência de uma antecipação que revela uma preocupação com uma ideia de produtividade, de eficiência e eficácia da escola e da aprendizagem infantil. Trata-se, pois, de uma iniciação às semióticas dominantes (Guattari, 1985).

Para exemplificar, o artigo de Dias et al. (2020) parte da seguinte indagação: É possível ensinar Estocástica⁵ na Educação Infantil? O artigo argumenta que, à primeira vista, ensinar Estocástica para crianças na primeira etapa da Educação Básica pode parecer inviável, mas que a teoria de aprendizagem de Bruner sustenta que é possível transmitir qualquer conteúdo de forma adequada a crianças de todas as idades.

Este estudo feito por Dias et al. (2020) contou com a participação de 17 crianças entre três e cinco anos e desenvolveu-se com as crianças atividades envolvendo gráficos,

⁵ O termo Estocástica engloba o desenvolvimento simultâneo de combinações, estatísticas e probabilidades.

ao realizar uma votação sobre qual nome elas deveriam dar a boneca e atividades envolvendo análise combinatória ao investigar quantas combinações de roupas a boneca poderia usar. Ao analisar os resultados, Dias et al. (2020) afirmam: "Ademais, quanto mais cedo a criança tem contato com conceitos relacionados à Estocástica, mais chances têm de fazer reflexões e de pensar sobre suas ideias, avançando nos modos de raciocínio" (Dias et al., 2020, p. 175).

Além disso, Lima et al. (2018) adotam uma abordagem que considera essencial o estudo da álgebra a partir dos anos iniciais da formação da criança e tem por objetivo realizar uma análise das formas como as crianças desenvolvem relações com números e operações ao produzir textos algébricos ao longo dos diferentes anos de ensino.

Com as contribuições da Early Algebra, que envolve o estudo da álgebra desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental [...], é possível percebermos a importância dessa iniciação, a fim de que o estudante, desde o início da sua escolaridade, possa compreender padrões, relações e funções; representar e analisar situações e estruturas matemáticas, utilizando símbolos algébricos; recorrer a diferentes formas de representações matemáticas para compreender relações quantitativas e analisar a variação em diversos contextos (Lima; Luna; Souza, 2018, p. 2).

Neste contexto, a partir da análise das atividades realizadas pelas crianças, Lima, Luna e Souza (2018) reforçam que o estudo do Early Algebra permite identificar como as crianças atribuem características aos números, como aplicam diferentes operações conforme a situação específica e como e quando utilizam representações visuais para comunicar essas operações, o que contribui para diversificar o conhecimento das crianças.

Por fim, objetivando traçar o processo pelo qual a pesquisa em Educação Matemática com crianças se tornou o que é nos últimos anos, discutiremos os resultados desta revisão de literatura apresentados e exemplificados acima a partir da comparação com outras revisões de literatura sobre Educação Matemática na infância, realizadas em períodos temporais afins, a saber: Moraes e Jahnke (2021), Moraes (2021) e Botelho e Moraes (2021).

A revisão de Moraes e Jahnke (2021) visa analisar e caracterizar produções científicas que discutem Educação Matemática na Educação Infantil no período de

2010 - 2019. Já Moraes (2021) analisa os usos de questões conceituais da Matemática, abordagens metodológicas e as perspectivas epistêmicas de pesquisas que relacionam Educação Matemática e Educação Infantil no período entre 2003 e 2019 (considerando os eventos, revistas e bancos de dados analisados). Por fim, o estudo de Botelho e Moraes (2021) investiga como o debate sobre o conceito de número tem sido abordado em pesquisas com crianças de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, mediante um levantamento em três bancos de dados que resultou em quinze estudos no período entre 1998 e 2019.

De modo geral, os resultados apontados nessas revisões de literatura estão em consonância com os encontrados por meio desta revisão, especialmente: a demanda por discutir o pensamento estatístico, numérico, estocástico e geométrico; a ênfase na psicologia construtivista como forma de analisar o desenvolvimento da criança e ênfase nos recursos didáticos, ocasionando lacunas nas discussões próprias para a primeira infância; a ideia de infância frequentemente associada com uma compreensão de futuro; a frequente análise da atuação da criança frente a situações envolvendo problemas de adição e subtração, probabilidade e estatística; a frequente pedagogização das brincadeiras infantis; um grande número de pesquisas acerca de noções espaciais, pensamento geométrico, o conceito de número e modelagem matemática; a ludicidade como potencializador do trabalho pedagógico e o foco nas questões psicológicas, ao considerar mais os processos individuais de apropriação do pensamento matemático do que as questões coletivas, sociais e culturais em relação ao saber na infância.

Considerações finais

A fim de explicitar algumas das condições históricas de existência das quais dependem as práticas atuais atreladas à infância, este estudo revelou várias convergências entre os artigos analisados que lançam luz sobre aspectos significativos da pesquisa em Educação Matemática na infância. Esses aspectos nos direcionam para a necessidade de repensar a forma como a educação matemática é concebida para permitir que as crianças se envolvam com a matemática de maneira mais criativa e autêntica.

Portanto, escrever uma história do presente é tratar “[...] do problema do envolvimento

do filósofo com o seu próprio tempo, com seu presente, com sua atualidade, naquilo que ela pode introduzir de novidade. [...] Além de ser entendimento do presente, é um modo de ação, aí produzindo efeitos de mudança” (Kastrup, 2007, p. 35).

Referências

- Botelho, L. R., & de Moraes, J. C. P. (2021). O conceito de número na educação matemática: uma incursão em pesquisas com crianças. *REMAT: Revista Eletrônica da Matemática*, 7(2), e2007-e2007.
- Cammarota, G. (2021). *Fascículos de experiências: rastros de um estudo com crianças e matemáticas, inventividade e cultura ou pesquisar em modo João*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro]. Repositório Institucional <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215222>. Acesso em: 2 set. 2023.
- Castro, C. A. de, & Curi, E. (2021). Procedimentos utilizados por crianças do 1º ao 5º ano em problemas envolvendo o isomorfismo de medidas. In *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Uberlândia(MG), Brasil: Universidade Federal de Uberlândia. <https://www.even3.com.br/anais/VIIISIPEMvs2021/381422-PROCEDIMENTOS-UTILIZADOS-POR-CRIANCAS-DO-1-AO-5-ANO-EM-PROBLEMAS-ENVOLVENDO-O-ISOMORFISMO-DE-MEDIDAS>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- da Conceição, J. B., & Rodrigues, M. (2019). Estratégias de estruturação espacial utilizadas por alunas do 1.º ano na construção e reprodução de figuras bidimensionais. *Boletim GEPEM*, (74), 37-55.
- da Silva, K. A. P., Pires, M. N. M., & Sander, J. C. (2020). Pensando a modelagem matemática na educação infantil. *Perspectivas da Educação Matemática*, 13(32), 1-23.
- de Moraes, J. C. P. (2021). Crianças pequenas e educação matemática: questões conceituais, metodológicas e epistêmicas. *Educação Matemática em Revista*, 26(73), 75-94.
- de Moraes, J. C. P., & Jahnke, T. S. (2021). Educação matemática na educação infantil: o estado de conhecimento no período de 2010-2019. *Revista Educar Mais*, 5(3), 515-529.
- de Oliveira, V., & Paulo, R. M. (2016). O cálculo mental nos anos iniciais do ensino fundamental: discutindo possibilidades. *Perspectivas da Educação Matemática*, 9(21).
- Deleuze, G, & Guattari, F. (2011). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.
- Foucault, M. (2005). *Ditos e Escritos II*. Forense Universitária.
- Dias, C. et al. (2020). É possível ensinar Estocástica para crianças da Educação Infantil? Uma análise à luz da Teoria de Bruner. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, 34(66), 157-177. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v34n66a08>.

- Galvão, M. (2019). Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação* 6(1), 57-73.
<http://dx.doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>
- Garland, D. (2014). O que significa escrever uma “história do presente”? A abordagem genealógica de Foucault explicada. *Revista Justiça e Sistema Criminal*, 6(10), 73-96.
- Guattari, F. (1985). *Revolução Molecular*. Brasiliense.
- Kastrup, V. (2007). *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Autêntica Editora.
- Kohan, W. (2003). *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Autêntica.
- Lima, L., Luna, A., & Souza, E. (2018). A produção de textos algébricos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM)*. Acesso em https://www.sbemparana.com.br/eventos/index.php/SIPEM/VII_SIPEM/paper/view/698/359
- Mandarino, S. et al. (2022). Números racionais nos anos iniciais – despertando para uma nova ideia de números. In *Anais do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática*. Acesso em <https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/478257-NUMEROS-RACIONAIS-NOS-ANOS-INICIAIS--DESPERTANDO-PARA-UMA-NOVA-IDEIA-DE-NUMEROS>.
- Piaget, J. (1993). *Seis estudos de psicologia*. Forense.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1974). *A psicologia da criança*. Difel.
- Tortola, E., & de Almeida, L. M. W. (2018). A formação matemática de alunos do primeiro ano do ensino fundamental em atividades de modelagem matemática: uma perspectiva wittgensteiniana. *Perspectivas da Educação Matemática*, 11(25).
- Vergnaud, G. (1996). A Teoria dos Campos Conceituais. In Brun, J. (Ed.), *Didática das Matemáticas* (pp. 155-191). Instituto Piaget.